

Praia Vermelha



Estudos de Política e Teoria Social

Praia Vermelha

ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

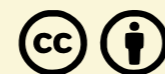
Temas Livres

v.31 n.2

Jul-Dez/2021

A Revista Praia Vermelha é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro cujo objetivo é servir como espaço de diálogo entre centros de pesquisa em serviço social e áreas afins, colocando em debate, sobretudo, os temas relativos às políticas sociais, políticas públicas e serviço social.

Conheça nossas [políticas editoriais](#).



Praia Vermelha

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

REITORA
Denise Pires de Carvalho

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Denise Maria Guimarães Freire

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

DIRETORA
Miriam Krenzinger Azambuja

VICE-DIRETORA
Elaine Martins Moreira

DIRETORA ADJUNTA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Fátima da Silva Grave Ortiz

REVISTA PRAIA VERMELHA

EDITORA-CHEFE
Andrea Moraes Alves UFRJ

EDITORES ASSOCIADOS
Cleusa dos Santos UFRJ
Paula Ferreira Poncioni UFRJ
Patrícia Silveira de Farias UFRJ

EDITOR TÉCNICO
Fábio Marinho

REVISÃO
Andréa Garcia Tippi

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Fábio Marinho

CONSELHO EDITORIAL
Angela Santana do Amaral UFPE
Antônio Carlos Mazzeo USP
Arthur Trindade Maranhão Costa UNB
Christina Vital da Cunha UFF
Clarice Ehlers Peixoto UERJ
Elenise Faria Scherer UFAM
Ivanete Boschetti UFRJ
Jean François Yves Deluchey UFPA
Leonilde Servolo de Medeiros UFRRJ
Marcos César Alvarez USP
Maria Cristina Soares Paniago UFAL
Maria Helena Rauta Ramos UFRJ
Maria das Dores Campos Machado UFRJ
Maria de Fátima Cabral Gomes UFRJ
Myriam Moraes Lins de Barros UFRJ
Ranieri Carli de Oliveira UFF
Rodrigo Castelo Branco Santos UNIRIO
Rodrigo Guiringuelli de Azevedo PUCRS
Salviana de Maria Pastor Santos Sousa UFMA
Suely Ferreira Deslandes FIOCRUZ

Publicação indexada em:
[Latindex](#)
[Portal de Periódicos da Capes](#)
[IBICT](#)
[Base Minerva UFRJ](#)
[Portal de Revistas da UFRJ](#)

Escola de Serviço Social - UFRJ
Av. Pasteur, 250/fundos
CEP 22.290-240
Rio de Janeiro - RJ

praiavermelha.ess.ufrj.br


(55) (21) 3938-5386


Praia Vermelha: estudos de política e teoria social /Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Vol.1, n.1 (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ. Escola de Serviço Social. Coordenação de Pós-Graduação, 1997-

Semestral
ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

1.Serviço Social-Periódicos. 2.Teoria Social-Periódicos. 3. Política- Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

CDD 360.5
CDU 36 (05)

 Para uma melhor experiência de leitura, recomendamos o acesso por computador com visualização em tela cheia (CTRL+L).

 Navegue pelo texto utilizando os ícones na lateral esquerda das páginas ou as setas em seu teclado.



Paul Klee (1879-1940)
Sem Título, 1914 (The MET Museum / Rawpixel).

Sumário

	Apresentação	221	
	<i>Andrea Moraes Alves</i>		
ARTIGOS TEMAS LIVRES	Elementos introdutórios para pensar sobre o Exército Industrial de Reserva no Brasil	223	
	<i>Hiago Trindade</i>		
	Serviço Social nas transformações societárias: “viradas” de uma profissão centenária	243	
	<i>Caroline Magalhães Lima</i>		
	Cotidiano e ontologia do ser social no pensamento de Lukács: reflexões introdutórias	270	
	<i>Mônica Brun Beveder</i>		
	Carlos Nelson Coutinho, György Lukács e a reavaliação das vanguardas	292	 Você está aqui.
	<i>Rafael da Rocha Massuia</i>		
	Conflitos envolvendo quilombolas no Rio Grande do Sul: entre raça, classe e território	315	
	<i>Adriane Cristina Benedetti & José Carlos Gomes dos Anjos</i>		
	Questão agrária e formação profissional: fundamentos a partir da realidade	341	
	<i>Mailiz Garibotti Lusa</i>		
	Feminismos e a emancipação da América Latina	366	
	<i>Maria Amoras, Solange Maria Gayoso da Costa & Natália Aguiar de Barros</i>		
	Deficiência e Cuidado: a experiência das mulheres no contexto do Zika Vírus	391	
	<i>Gabriela Carneiro Peixinho</i>		
	Guerreiras de luta: mulheres assistentes sociais e luta pelos direitos dos idosos	415	
	<i>Beatrice Limoeiro</i>		
RESENHA	Clássicas do Pensamento Social: mulheres e feminismos no século XIX, de Verônica Toste Daflon e Bila Sorj	440	
	<i>por Andrea Moraes Alves</i>		

Praia Vermelha

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Carlos Nelson Coutinho, György Lukács e a reavaliação das vanguardas

Carlos Nelson Coutinho

György Lukács

Marxismo

Estética

Literatura

O presente artigo tem por objetivo colocar em discussão a reavaliação das vanguardas modernistas operada pelo pensador marxista brasileiro Carlos Nelson Coutinho (1943-2012), que foi amplamente influenciado pelas ideias do filósofo marxista húngaro György Lukács (1885-1971). No texto, analisamos a produção de Coutinho, sobretudo o livro *Lukács, Proust e Kafka*, de 2005, e lançamos algumas ideias visando compreender o valor da produção do pensador brasileiro no que tange à reavaliação das vanguardas artísticas do século XX e a teoria literária lukacsiana como um todo.

Rafael da Rocha Massuia

Professor na Universidade do Centro-Oeste (Unicentro), doutor em ciências sociais UNESP-Araraquara.

massuia@gmail.com

Carlos Nelson Coutinho, György Lukács and the reassessment of vanguards

This article aims to discuss the reassessment of the modernist vanguards operated by the Brazilian Marxist thinker Carlos Nelson Coutinho (1943-2012), who was largely influenced by the ideas of the Hungarian Marxist philosopher György Lukács (1885-1971). In the text, we analyze Coutinho's production, especially the 2005 book *Lukács, Proust e Kafka*, and we launch some ideas trying to understand the value of the Brazilian thinker's production regarding the reassessment of the 20th century artistic vanguards and Lukacsian literary theory as a whole.

Carlos Nelson Coutinho

György Lukács

Marxism

Aesthetics

Literature



Conhecido por fornecer uma ampla contribuição ao debate intelectual brasileiro, Coutinho destaca-se, para além de suas reflexões originais, como tradutor e divulgador do pensamento do teórico marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937). Porém, antes disso, no início de sua jornada intelectual, o brasileiro teve atuação fundamental para a divulgação, em solo brasileiro, das ideias do filósofo marxista húngaro György Lukács¹, com grande ênfase em suas contribuições para o campo da estética e da crítica literária.

No ano de 2005, porém, Coutinho publica o livro *Lukács, Proust e Kafka*, em que reúne textos escritos na década de 1970, em parte publicados, em parte inéditos, devidamente revisados e apresentados de forma coesa.

A atuação de Coutinho como crítico literário pode ser dividida em dois grandes campos²: 1) sua teoria da formação e desenvolvimento da sociedade e da literatura no Brasil e 2) sua reinterpretação das vanguardas modernistas (tomando como exemplos e modelos desse procedimento os escritores Franz Kafka e Marcel Proust) a partir do próprio referencial teórico lukacsiano, que previamente havia avaliado negativamente esse momento do desenvolvimento da literatura (menos Kafka que Proust, ainda que muito tardiamente e de forma pouco sistemática, ao contrário de Coutinho, que realiza uma análise mais detida e profunda também da obra do escritor tcheco, como veremos mais adiante).

Para além de seus estudos sobre Franz Kafka e Marcel Proust, publicados no livro de 2005 (mas cujos textos sobre os autores referidos remontam a 1970, tendo o texto sobre o escritor tcheco sido publicado em 1977 e o sobre o escritor francês permanecido inédito até então, acrescidos de um capítulo introdutório), que objetivam reavaliar a apreciação negativa de Lukács sobre as vanguardas literárias do século XX, com especial atenção aos dois escritores destacados no título, Coutinho também se dedicou a outros autores de literatura internacional no breve período em que se dedicou centralmente à crítica literária (escreveu sobre alguns autores do realismo soviético, Jorge Semprun, Dostoiévski, J. D. Sallinger, William Styron, entre outros).



Reinterpretação das vanguardas modernistas

No período imediatamente posterior ao da redação de seu primeiro livro, *Literatura e humanismo*, publicado em 1968, Coutinho tinha o objetivo de dar prosseguimento à atividade de crítica literária de inspiração lukacsiana. Nesse sentido, iniciaria um projeto, que permaneceu inconcluso, de submeter à análise autores realistas – tanto aqueles mais próximos da concepção de realismo de Lukács, quanto aqueles que se afastavam dela. O próprio Coutinho confidenciou ao pensador húngaro, em correspondência mantida entre ambos, detalhes sobre o seu projeto. Em suas palavras:

Estou atualmente trabalhando num livro sobre o realismo no século XX. Nele analisarei a obra de Proust e Kafka (que me parecem casos de exceção, entre o realismo e a vanguarda), de Sinclair Lewis, Lorca e Thomas Mann (realistas “tradicionais”), de Thomas Wolfe, William Styron e J. D. Salinger (realistas que empregam técnicas de vanguarda). Em sua obra mais recente há observações sobre Kafka que pretendo desenvolver. Minha tese central é a seguinte: quando Kafka estrutura sua obra na forma da novela clássica (*A metamorfose*, *O processo*, etc.) – ou seja, mostrando a importância do acidental na vida, sem figurar o *background* histórico e sem abrir necessariamente uma perspectiva concreta –, ele atinge o simbolismo realista (ainda que fantástico). Quando isso não ocorre, ele cai na alegorização (*O castelo*, sobretudo *América*), ou seja, na vanguarda pura e simples. O senhor se recorda de suas próprias observações sobre a redução do romanesco à forma da novela como condição de “vitória do realismo” em Hemingway, Conrad e Soljenitzin? Parece-me que, *mutatis mutandis*, ocorre algo semelhante em Kafka (COUTINHO; KONDER, 2002, p. 152-153).

Data desse período um ensaio que serviria de introdução ao livro inconcluso, que acabou saindo como introdução ao livro *Realismo crítico hoje* (1991), de Lukács; também correspondem a esse período as redações dos ensaios sobre Kafka e Proust, autores duramente avaliados negativamente pelo pensador húngaro (ainda que essas posições tenham sido revistas, sobretudo nos últimos anos de vida de Lukács, como veremos).

Este projeto, como digo no “Prefácio”, supra, não foi concluído. Dos textos concebidos para ele, foram redigidos apenas um estudo sobre Proust, que permaneceu inédito, e dois ensaios publicados





separadamente: C. N. COUTINHO, “O realismo contemporâneo na perspectiva de Lukács” (Hora & Vez, Juiz de Fora, n° 0, janeiro de 1971, p. 45-65, que amplia minha “Introdução” a G. Lukács, *O realismo crítico hoje*, Brasília, Coordenada, 1969, p. 7-20); e Id., “Kafka: pressupostos históricos e reposição estética” (*Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, Grijalbo, n° 2, 1977, p. 15-56); Os ensaios sobre Proust e Kafka, em novas versões, formam os caps. II e III deste livro. Como se pode constatar, o ensaio sobre Kafka (cuja primeira redação é de 1970) já leva em conta observações sugeridas pela resposta que Lukács deu a esta carta (COUTINHO, 2005, p. 249).

Desse projeto inicial, fora os ensaios publicados sobre alguns escritores do século XX no livro *Literatura e humanismo* (Semprún, Sholokhov – também grafado com a letra “c”, Cholókhov –, Soljenítsin, etc.), nos chegou somente a introdução, publicada em 1969 como prefácio do livro *O realismo crítico hoje*, de Lukács.

O livro inconcluso de Coutinho, porém, ainda que se constitua como um projeto inacabado, somente injustamente poderia ser assim designado. Fora os textos já mencionados, também é fruto desse projeto um livro lançado mais recentemente, precisamente a já mencionada obra, *Lukács, Proust e Kafka*, publicada em 2005 e que tem como subtítulo: “literatura e sociedade no século XX”.

Retomando a introdução escrita por Coutinho em 1969 (que, como já dissemos, seria destinada ao seu livro inconcluso, mas acabou por servir como preâmbulo do livro de Lukács, *Realismo crítico hoje*), observamos o desenvolvimento de algumas noções que comparecem melhor trabalhadas e desenvolvidas em *Lukács, Proust e Kafka*, que constitui a base sobre a qual nos apoiamos para a discussão que realizamos no presente texto.

O referido livro divide-se em três grandes capítulos, fora alguns apêndices, que trazem algumas das cartas trocadas entre Coutinho e Lukács e alguns trechos onde destacam-se as menções diretas do pensador húngaro (em seus últimos escritos) aos autores que o pensador brasileiro procura reavaliar em seu livro: 1) Literatura e sociedade no século XX; 2) Marcel Proust e a evolução do romance; 3) Franz Kafka, crítico do mundo reificado.

O primeiro capítulo do livro propõe a realização de um novo balanço da literatura realista do século XX. Entendendo que a posição de Lukács em relação à literatura contemporânea foi



insuficiente, além de Coutinho retomar o ensaio publicado em 1977 sobre Kafka, acrescenta um até então inédito texto sobre Proust (que, apesar do ineditismo, remonta a 1967).

Desenvolvendo brevemente a razão do seu relativo abandono do tema que mantivera até então como a sua principal atividade teórica – e que ocupa a centralidade dos interesses para esta pesquisa –, que se deu devido a sua transição à problemática da filosofia política, calcada na tentativa da compreensão da sociedade brasileira contemporânea, Coutinho explica:

A publicação do ensaio sobre o autor tcheco se deu num momento em que, por várias razões, eu estava passando a me dedicar quase exclusivamente a temas de filosofia política e a análises do Brasil contemporâneo. Ele foi assim o último dos meus trabalhos de crítica literária, encerrando um ciclo que se iniciara em 1965, com um ensaio sobre Graciliano Ramos (COUTINHO, 2005, p. 11).

Em relação ao texto sobre Proust, Coutinho anuncia que buscou situar a obra do escritor francês não como uma das precursoras da literatura vanguardista (como geralmente ocorre), mas sim como a última grande obra da literatura do século XIX – no que, diga-se, difere da interpretação lukacsiana, que antes via o francês como um dos precursores da literatura vanguardista, ainda que em algumas entrevistas tardias o pensador húngaro tenha abrandado a posição essencialmente negativa ao escritor francês.

No ensaio sobre Proust, busco identificar como *À la recherche du temps perdu*, se em muitos aspectos parece dar início a chamada “literatura de vanguarda”, apresenta-se essencialmente como a última grande floração do romance realista do século XIX (COUTINHO, 2005, p. 13).

Sobre Kafka, sua posição é a de que ele pode ser considerado como naturalmente pertencente ao movimento literário vanguardista, próprio do século XX, mas não da forma como geralmente é proposta pelos estudiosos do escritor tcheco. Em vez de vinculá-lo a uma literatura espiritualista, de corte existencialista, Coutinho propõe uma reinterpretação de sua obra – sobretudo novelística, sobre a qual trataremos a seguir – à luz da crítica das emergentes condições sociais postas pelo capitalismo no estágio monopolista.



Já no ensaio sobre Kafka, ao contrário, tento mostrar como o autor checo – com sua implacável crítica estética do mundo reificado do capitalismo tardio – é não apenas um dos clássicos da literatura do século XX, mas também um autor extremamente atual, num momento em que não só permanecem, mas até se acentuam, fenômenos da alienação e do fetichismo, que ele abordou com tanto brilho em sua produção narrativa (COUTINHO, 2005, p. 13).

Além da centralidade da análise da obra dos dois escritores supracitados, Coutinho justifica a publicação do seu livro, após um longo período de afastamento da abordagem estético-literária, como uma tentativa de impulsionar o movimento de renascimento pelo interesse da obra lukacsiana no Brasil. Nesse sentido, o livro de Coutinho simboliza um marco nos estudos literários de corte marxista, por nos fornecer uma obra que, sem deixar por um único instante de manter um diálogo com o pensamento de Lukács, consegue permanecer aberta, significando enorme contribuição para o preenchimento das lacunas eventualmente deixadas pelo pensador húngaro.

Por outro lado, o interesse pela obra de Lukács, depois de um longo período de injustificado eclipse, vem renascendo em nosso país. Ora, os meus velhos ensaios agora revistos e ampliados têm precisamente a intenção de propor uma análise das obras de Proust e de Kafka à luz da metodologia estético-filosófica de Lukács, ainda que frequentemente – sobretudo no caso de Kafka – em aberta divergência com a avaliação substancialmente negativa que o pensador húngaro fez destes dois notáveis narradores (COUTINHO 2005, p. 13).

O realismo literário no século XX

No primeiro ensaio de *Lukács, Proust e Kafka*, Coutinho constata a existência de uma longa e variada bibliografia sobre os dois autores que pretende analisar. No entanto, apesar da extensividade de pesquisas existentes, a lista daquelas que efetivamente conferem elementos elucidativos para a compreensão das obras de Proust e Kafka acaba por mostrar-se bastante reduzida. E, mesmo quando fornecem alguma contribuição singular valiosa, muitas dessas análises se perdem na compreensão totalizante do objeto, em função de adotarem posições teóricas problemáticas.



Nessa massa de análises críticas de variada orientação, podem-se indicar alguns pontos firmes essenciais, ou seja, conquistas que se incorporaram definitivamente à compreensão do significado do mundo estético de Proust e de Kafka. Mas, ao mesmo tempo, também é possível observar que a descoberta de tais pontos e a fixação dessas conquistas ocorreram frequentemente no interior de visões de conjunto problemáticas, que, em muitos casos, lançaram um denso véu de equívocos sobre a verdadeira natureza estético-ideológica dos relatos destes dois notáveis escritores (COUTINHO, 2005, p.19-20).

A natureza dessas posições problemáticas da obra proustiana centra-se na sua categorização como obra precursora da corrente vanguardista do século XX. Nos antípodas dessa posição, Coutinho propõe o atrelamento da obra de Proust àquela tradição literária do século XIX, que encontra no escritor francês a sua última grande expressão. E prossegue, ao propor que

[...] a melhor chave para entender a obra do romancista francês é mostrar que, embora se situe na tradição do romance do século XIX, ele já antecipa algumas características da literatura própria do século XX, com todas as implicações conteudísticas e formais que disso decorrem (COUTINHO, 2005, p. 21)³.

Ao contrário do que ocorre em relação a Proust, no caso de Kafka a polêmica centra-se numa eventual possível natureza espiritualista de corte existencialista – como já mencionado – de sua produção artística. A polêmica acentua-se em função da relação ambígua de Kafka com sua religiosidade judaica, confirmada pelo seu amigo e biógrafo Max Brod:

Já no caso de Kafka, a polêmica não girou sobre a natureza inovadora ou não da forma estética por ele criada: ao que eu saiba, ninguém pôs em discussão o caráter vanguardista e inovador de seus relatos. O que aqui esteve em discussão foi, quase sempre, a natureza da visão do mundo que Kafka expressou e sua obra, discussão que deu lugar à criação de inúmeros equívocos (COUTINHO, 2005, p. 21).

Para Coutinho, no entanto, os equívocos de interpretação da obra de Kafka residem antes numa insuficiente compreensão do conceito de arte por parte dos pesquisadores, o que acaba por determinar uma tentativa de atribuição de um caráter falsamente



abstrato à obra do escritor tcheco. Justamente por não conceberem a obra de arte em sua natureza específica, esses autores insistem nessa tendência reducionista em relação à obra de arte, em particular em relação à obra kafkiana, buscando nela inserir concepções externas àquelas que ocupavam o escritor tcheco.

No núcleo dessas interpretações equivocadas, parece-me residir, antes de mais nada, um falso conceito de arte, que se expressa, no caso concreto de Kafka, na tentativa de transformar sua obra em “expressão” ou “ilustração” de uma visão do mundo preexistente à construção de seus relatos. Mais precisamente: o erro fundamental dessas interpretações (existencialistas, psicanalíticas, religiosas, sociológicas) não depende tanto do conteúdo da visão do mundo que em cada oportunidade se atribuiu a Kafka, conteúdo que – conforme a ideologia do intérprete ou o ambiente cultural do momento – pode ser indicado como “ilustração” da mística judaica, do complexo de Édipo, da “derrelição” ontológica do homem num mundo absurdo e irracional, das contradições paralisadoras da ideologia pequeno burguesa de nosso tempo, etc., etc. (COUTINHO, 2005, p. 21-22).

Somente uma concepção teórica da arte como *mimesis* evocadora das determinações essenciais de dado momento histórico pode fornecer a base necessária para uma compreensão mais profunda sobre a sua natureza e especificidade. Ao contrário do que propõem os teóricos que, equivocadamente, tendem a aproximar as obras literárias estudadas às suas posições teóricas individuais, Coutinho sugere – retomando a tese lukacsiana –, uma análise das obras de arte em sua objetividade imanente, tidas não como expressões diretas da subjetividade do autor (também é errôneo proceder como Goldmann, que tende a conceber a obra de arte como expressão de determinada classe social), mas como possuidoras de uma concretude objetiva, passível de inquirições por parte dos que se propõem a analisá-las.

O problema é que desse modo, implícita ou explicitamente, nega-se o fato de que a obra kafkiana – como toda obra de arte significativa – é representação mimética da realidade social objetiva e não expressão direta de uma subjetividade individual (consciente ou “profunda”) ou pseudo-universal (religiosa ou classista). [...] Minha convicção – que tentarei expor nos capítulos seguintes deste livro – é que o





significado das obras de Proust e Kafka não reside na “expressão” de uma ideia abstrata qualquer, nem tampouco tem sua gênese na biografia do autor ou na “psicologia social” de uma classe ou de uma nação. Se quisermos alcançar esse significado [das obras de Proust e Kafka] em sua riqueza concreta, deveremos analisar estes dois excepcionais escritores à luz de uma poética do realismo, ou seja, de uma teoria da arte como representação (ou figuração mimética) da essência de uma realidade social e humana historicamente determinada (COUTINHO, 2005, p. 22).

Dentro dessa indicação teórica mais geral, o programa que Coutinho pretende no seu livro é especificar as condições sócio-históricas que servem de pressuposto às objetivações estéticas de Kafka e Proust. Deve-se ressaltar, porém, que não se trata aqui de uma relação de causa e efeito, mas de um processo dialético, em que a obra artística aparece como resultado, adquirindo uma objetividade própria que, por sua vez, deve ser analisada em sua imanência singular (que comporta, em si, tanto elementos conteudísticos quanto formais). A proposta do livro, nas palavras do pensador brasileiro, é a seguinte:

Nos capítulos seguintes, portanto, tentarei definir, por um lado, o conteúdo histórico-humano-social que serve de *pressuposto* as objetivações estéticas de Proust e de Kafka; e, por outro, o modo pelo qual esse pressuposto é *reposto* artisticamente na estrutura de seus relatos. Somente a partir desse critério histórico-materialista será possível definir a visão do mundo *imane*nte à obra dos dois autores (única que interesse numa análise estética materialista), bem como os peculiares problemas formais e técnicos que o modo de reposição estética por eles adotado indiscutivelmente coloca (COUTINHO, 2005, p. 22-23).

Na introdução de 1969 – discutida previamente –, Coutinho havia feito uma distinção de princípio entre Joyce e Kafka. No ensaio sobre Kafka, relançado no livro de 2005, Coutinho recupera essa ideia, mas desta vez comparando o escritor irlandês com Marcel Proust. Assim como havia feito anteriormente, o objetivo de Coutinho é demarcar a diferença existente entre um representante típico da vanguarda (Joyce) em relação ao escritor analisado, no caso Proust (o mesmo que ocorria em relação ao tcheco, ainda que por razões diferentes).



Sem buscar encobrir os possíveis problemas da obra proustiana, a inegável herança de Gustave Flaubert é evocada como elemento-chave para a compreensão de *Em busca pelo tempo perdido*. A desilusão nostálgica de Frédéric Moreau, protagonista d'*A educação sentimental*, é retomada por Proust e retrabalhada numa grande tentativa de fixação num mundo subjetivo como protesto a uma realidade objetiva cada vez mais degradada. Ainda que funcionando como um protesto legítimo à realidade social, a fuga da realidade não se constitui como uma resposta convincente, o que acentua o caráter problemático das obras mencionadas (sobretudo da de Proust), mas também conserva alguma justeza no caráter verdadeiro com que a registram.

O caso de Proust é muito diferente do de Joyce. Em *À la recherche du temps perdu* existe um retrato real do mundo, não uma fotomontagem naturalista (pretensiosa e grotesca) de associações [como em Joyce]. O mundo de Proust pode parecer fragmentário e problemático. De muitas maneiras, ele preenche a situação do último capítulo de *L'éducation sentimentale* [de Flaubert], em que Frédéric Moreau volta para casa depois do esmagamento da revolução de 1848; ele já não tem nenhuma experiência da realidade, apenas a nostalgia de seu passado perdido. O fato de que esta situação constitua, com exclusividade, o conteúdo da obra de Proust é a razão de seu caráter fragmentário e problemático. Não obstante, estamos diante da figuração de uma situação verdadeira, produzida com arte (LUKÁCS apud COUTINHO, 2005, p. 24).

Apesar de haver registros, sobretudo nos últimos textos e entrevistas de Lukács, de menções elogiosas à obra kafkiana, para o pensador baiano, a reavaliação do escritor tcheco por parte do filósofo húngaro permaneceu insuficiente. Ainda que tenha havido tentativas da parte de Lukács de rever essa posição, a análise de Kafka em *Realismo crítico hoje* pecou por pintar com traços extremamente simplórios a importante obra do escritor tcheco.⁴

Essa insuficiência da análise lukacsiana de Kafka ganha uma nova interpretação no livro de 2005. Se antes Coutinho considerava os equívocos de interpretação de Kafka e Proust como “erros de avaliação”, ou seja, pequenos equívocos singulares, agora não mais aceita essa explicação. Para o filósofo baiano, o problema reside no pressuposto mais geral da teoria



lukacsiana da literatura do século XX, o que demanda uma reavaliação mais profunda – sobretudo histórica – da situação:

O que eu considerava “erros de avaliação” localizados me parecem hoje o índice de certas conexões problemáticas na própria teoria lukacsiana da literatura do século XX, que decorrem em última instância da concepção geral de Lukács acerca da evolução histórica posterior à Revolução de Outubro de 1917 (COUTINHO, 2005, p. 26).

Por uma (nova) teoria lukacsiana da literatura do século XX

A referida teoria lukacsiana da literatura, mais especificamente a do século XX, remontaria aos anos 1920, sobretudo das posições expressas nas *Teses de Blum* (redigida em 1928), que consistiram numa proposta política mais geral realizada por Lukács na clandestinidade. Neste documento, o filósofo húngaro propunha a necessidade de uma aliança entre socialistas e setores burgueses progressistas, o que, a seu ver, poderia ser efetuado, sobretudo, em relação aos campos científico-filosófico e artístico – o que se resumiria no seguinte mote: “defesa da razão e da arte realista” (COUTINHO, 2005, p. 27).

Essas teses se apoiavam em dois pressupostos – segundo Coutinho – problemáticos (um equivocados, e o outro inteiramente falso). O primeiro consistia na proposta de aliança entre democratas radicais e socialistas, que se aliariam numa frente antifascista; e o segundo, que se tratava da crença de Lukács na URSS como uma nação que já havia operado efetivamente uma transição socialista – posição que só foi revista, ainda que timidamente, após as denúncias do XX Congresso do PCUS, de 1956 (LUKÁCS, 1971).

Coutinho concorda com a advertência de Lukács para a necessidade de um distanciamento crítico entre o escritor e o seu presente histórico, buscando evitar o engessamento de sua formação social (que é sempre histórica e, portanto, transitória) para uma condição humana abstrata eternizada. Entretanto, nem sempre o autor é obrigado a adotar uma posição ideológica que dê conta, criticamente, da totalidade social; por vezes, uma posição crítica, mesmo que parcial, pode ter sua eficácia estética preservada (o que não pode ser dito em relação à objetivação científica). Nas palavras de Coutinho (2005, p. 32):





A contraposição ao mundo alienado do capitalismo atual de certos valores gerados na época revolucionária da burguesia, como é o caso da luta pela realização da autonomia do indivíduo, pode funcionar como meio de crítica historicista à aniquilação do indivíduo no presente burocratizado e reificado.

Indo além, Coutinho aponta para a existência de um caráter contraditório nas concepções de mundo pessimistas: segundo o filósofo baiano, nem sempre elas estão vinculadas a uma dimensão decadente, operando como resposta reacionária ao presente. O horizonte positivo vislumbrado por Lukács, a concretização de uma revolução mundial, encabeçada pela União Soviética, acabou por demonstrar-se, de uma vez por todas, uma ilusão idealista.

Uma tal consciência pessimista não era apenas, como parecia supor Lukács, expressão da “decadência”, ou seja, mera resposta reacionária ou desesperada em face das tendências históricas predominantes, as quais, na opinião do filósofo húngaro, apontavam necessariamente para o socialismo – e um socialismo que ele identificava com sua caricatura vigente na União Soviética e nos demais países de modelo soviético (COUTINHO, 2005, p. 33).

Ainda em relação àquelas posições pessimistas, Coutinho realiza uma importante distinção: enquanto na filosofia uma tal posição é sempre condenável, por impedir uma real compreensão das mediações que constituem totalidade social, no campo artístico não necessariamente as coisas se dão dessa forma, em função da peculiaridade constitutiva da obra de arte. Não raro, algumas obras embasadas em posições semelhantes – lembre-se, por exemplo, boa parte das obras dostoiévskianas –, puderam oferecer momentos de um intenso realismo.

Como Lukács viu corretamente, ainda que com alguns excessos, esta “falsa consciência” pessimista é deletéria no caso da reflexão filosófica, cujo objetivo é precisamente a descoberta das mediações e sua conceituação universalizadora. Na arte e na literatura, contudo, as coisas podem se dar diversamente, já que estas últimas têm como meta a figuração de uma particularidade concreta (COUTINHO, 2005, p. 33).

Segundo Coutinho, aquelas concepções vanguardistas, que terminam por transformar as obras literárias em meros invólucros alegóricos de uma pretensa condição humana abstrata e



anistórica, merecem as advertências que Lukács realiza sobre o seu caráter essencialmente problemático.

É certo que, em muitas criações artísticas do período – como Lukács apontou corretamente –, as contradições sociais foram transpostas numa abstração falsamente “ontológica”, ou seja, em exemplos de uma pretensa insensatez da realidade enquanto tal, recebendo assim uma configuração formal alegórica e, como tal, anti-realista (COUTINHO, 2005, p. 34).

Se há uma forma literária que soube extrair resultados satisfatórios dessa concepção pessimista de mundo, trata-se definitivamente da lírica. A transposição da estruturação formal da dimensão objetiva para a subjetiva, segundo Coutinho, garante um maior distanciamento da realidade degradada do capitalismo contemporâneo, o que permitiu a nomes como T. S. Eliot e Rainer Maria Rilke alcançarem um posto privilegiado no seio do gênero lírico (o autor incluiu nesse rol o lusitano Fernando Pessoa e o brasileiro Carlos Drummond de Andrade, como exemplos de poetas participantes desse movimento) – Coutinho indica ainda, como veremos, a existência de um fenômeno correlato na forma novelesca.

Esse modo simbólico-realista de expressar artisticamente a “consciência infeliz” contemporânea deu lugar a obras particularmente bem realizadas no terreno da lírica, onde a subjetividade como fator estruturante dispensa claramente a figuração da totalidade. Este me parece ser o caso, por exemplo, de poetas como T. S. Eliot e Rilke (que Lukács avaliava de modo negativo), mas também de outros que ele não conheceu, como Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade. E essa possibilidade se apresenta também no caso da arte narrativa, particularmente na novela, como veremos ao examinar mais de perto a obra de Franz Kafka (COUTINHO, 2005, p. 34).

Novamente, o autor retoma, como já o fizera na introdução de 1969, o problema da escassez de exemplos realistas por Lukács em *Realismo crítico hoje*⁵, o que se acentuava pela imperdoável negligência em relação a Kafka (Proust, como vimos – e discutiremos mais detidamente –, para Coutinho, insere-se na tradição do realismo do século XIX). Um reexame no interior do movimento vanguardista não pode se realizar sem

que se leve em conta as novas determinações do capitalismo contemporâneo, assim como a importância central da obra de Kafka na apreensão de suas características fundamentais.

Subsumindo ao conceito de alegoria a totalidade da chamada “vanguarda”, Lukács impedia-se de realizar a única operação capaz não só de salvar a justeza essencial de sua teoria estética e de sua poética realista, mas também, como consequência, de lhe permitir uma compreensão mais adequada da arte e da literatura do século XX. Esta necessária operação, a meu ver, consistiria num reexame da produção da vanguarda à luz das novas experiências históricas acima aludidas [...] (COUTINHO, 2005, p. 37).

A proposta de Coutinho é uma reavaliação de Proust e Kafka, valendo-se para tal das próprias orientações teóricas desenvolvidas por Lukács (com base nas indicações deixadas por Marx e Engels, em seus esparsos escritos sobre literatura e arte). Em outras palavras, a proposta de Coutinho centra-se no ousado propósito de reinterpretação dos dois autores, negativamente avaliados por Lukács, valendo-se para tal empresa de seu *método*.

Essa avaliação problemática se traduz também numa questão de método, cuja elucidação poderá ajudar o leitor a avaliar melhor o objetivo prioritário deste livro, *que consiste precisamente em analisar Proust e Kafka à luz das teorias estético-filosóficas de Lukács, mas em contradição com muitas de suas observações concretas sobre estes dois autores e em parcial discordância com sua análise das alternativas da literatura no mundo contemporâneo* (COUTINHO, 2005, p. 37-38).

A empreitada é justificada por uma discrepância observada entre o livro *Realismo crítico hoje* e os demais trabalhos lukacsianos de cunho crítico literário. O próprio Lukács parece reconhecer o caráter problemático do livro, pois em correspondência mantida com Coutinho, o próprio pensador húngaro admite que não se trata de uma obra perfeitamente acabada – como já mencionado.

Uma leitura atenta de *Realismo crítico hoje* revela que nele Lukács se afasta, em aspectos essenciais, do método estético-crítico que ele mesmo formulou em suas obras teóricas da maturidade e que aplicou com sucesso na maioria de suas análises concretas de períodos e autores singulares, em particular dos romancistas do século XIX (COUTINHO, 2005, p. 38).

Ainda sobre o projeto inacabado de Coutinho, de escrever um livro sobre os escritores realistas do século XX, nos restam algumas poucas indicações. Entre elas a resposta à carta enviada a Lukács, que contém uma aprovação do conteúdo do livro planejado; há ainda algumas outras sugestões e indicações, por parte do pensador húngaro. Optamos por reproduzir a resposta, apesar de sua extensividade, acreditando no seu valor enquanto documento:

É perfeitamente correto que você veja em Proust e em Kafka as figuras centrais. Também seria importante fazer uma distinção mais nítida do que a que habitualmente se faz entre os dois, particularmente Kafka, por um lado, e, por outro, a literatura subsequente. (Também sobre isso meu ensaio [*O realismo crítico hoje*] não é suficiente.) Você tem inteira razão quando põe fortemente em primeiro plano certos elementos novelísticos em Kafka. Sobre isso, algumas novelas, como *A metamorfose*, têm um enorme significado na recente literatura assinalam, muito marcadamente, o contraste com a literatura subsequente. Eu teria bem maiores objeções a fazer contra *O processo* do que contra a novelística. *Infelizmente, por causa de condições muito desfavoráveis, concluí de modo muito apressado meu pequeno livro [O realismo crítico hoje], de modo que determinados pontos de vista não foram expressos nele de modo bastante claro.* Refiro-me sobretudo ao fato de que existe em Kafka uma tensão que tem uma única analogia na era moderna, ou seja, com Swift. Se você comparar Swift com seus grandes contemporâneos, sobretudo Defoe, verá que este último descreveu de modo realista o eu tempo presente, ao passo que Swift tentou dar – com base nas tendências reais do seu tempo – um panorama crítico-utópico do desenvolvimento global e da essência mais profunda da sociedade capitalista. Uma tendência análoga está presente em Kafka, só que ele – em função das condições sociais do período de sua atividade – não podia atingir uma síntese tão profunda e motivadamente pessimista como aquela de Swift. Creio que não seria sem interesse refletir um pouco sobre esse paralelismo. Também lhe aconselharia levar igualmente em conta as tendências realistas explícitas de nosso tempo. Não penso em celebridades como Moravia; mais importantes me parecem *Menzogna e sortilegio* de Elza Morante, toda a obra de Semprun, alguma coisa de Styron etc. De qualquer modo, terei muito prazer em receber notícias sobre a evolução de seu trabalho (COUTINHO; KONDER, 2002, p. 154, grifo nosso).

No livro *O romance histórico* (2011), escrito em 1937, quando ainda no exílio soviético, Lukács produziu um estudo de fôlego e de profundidade considerável. Analisando essa obra, Coutinho aponta para a existência de um método analítico divergente daquele de *Realismo crítico hoje* (1991). Não se trata de, quando da redação do livro de 1958, o seu método se encontrar inacabado, ou em desenvolvimento, pois o mesmo já havia sido aplicado anteriormente, produzindo bons resultados. No livro moscovita, Lukács faz uma análise concomitantemente sócio-histórica e estético-formal, indagando-se sobre as condições que possibilitaram o surgimento do realismo do século XIX, o que o leva a retomar escritores do passado, relativamente esquecidos, como é o caso de Walter Scott que deu – segundo a interpretação lukacsiana – uma grande contribuição – apesar de seu reduzido valor estético, quando comparado a outros dos seus contemporâneos – para o estabelecimento das bases do realismo do século seguinte.

Esse movimento de renovação formal, que tem seu início em Walter Scott e se explicita no grande realismo do século XIX (que, como diz Lukács, aprendeu a “tratar o presente como história”), é apresentado como a *reposição* estética de concretos *pressupostos* histórico-sociais, um processo que o pensador húngaro analisa tanto pelo ângulo da gênese quanto por aquele do resultado formal-artístico (COUTINHO, 2005, p. 38).

Lukács realiza uma extensa análise das condições sociais, sobretudo das modificações impostas pela Revolução Francesa e, sobretudo, pelas Guerras Napoleônicas, que conferiram à noção de historicidade uma dimensão até então inédita na história humana. Foram essas modificações que tornaram possível aos artistas a apreensão do elemento histórico, buscando inseri-lo na estrutura de suas obras (caso de Walter Scott, que se estabeleceu como um dos fundadores desse subgênero romanesco).

O romance histórico, sobretudo em seus três primeiros capítulos – entre os quais se destaca a belíssima digressão sobre o romance e o drama enquanto estruturas formais que refletem constelações histórico-universais da vida humana, digressão que é certamente a maior contribuição de Lukács a uma teoria marxista dos gêneros literários –, aparece assim como um paradigma, talvez o mais alto



na obra lukacsiana, de aplicação criadora do método histórico-sistemático no terreno da literatura (COUTINHO, 2005, p. 38-39).

No livro lukacsiano, as relações entre conteúdo e forma fundem-se numa processualidade heterogênea, que lança as bases para uma compreensão do fenômeno literário de acordo com o solo social de onde surge. Ou, em outras palavras: “Trata-se precisamente de um método que articula organicamente as determinações histórico-sociais com as determinações estruturais imanentes (no caso, as determinações estéticas) das objetivações humanas” (COUTINHO, 2005, p. 39).

Sob a complexa configuração global que se estabeleceu, sobretudo a partir da segunda metade do século XX (tendo como marco divisório a Segunda Guerra Mundial), Lukács passa a adotar uma posição investigativa que é, segundo Coutinho, no mínimo problemática e que gera um perigoso simplismo no âmbito da análise de boa parte dos escritores significativos do período.

Realismo crítico hoje funda-se numa diferente abordagem metodológica. Em vez de partir de uma análise da sociedade contemporânea – ou seja, das transformações sofridas pelo capitalismo em sua etapa monopolista e da involução “estatalátrica” da União Soviética stalinista e pós-stalinista –, Lukács toma como pressuposto de sua investigação o que ele chama de “concepção do mundo subjacente à vanguarda” (COUTINHO, 2005, p. 39).

Partindo da análise da concepção de mundo da vanguarda – que não previa mesmo diferenças substantivas entre os seus integrantes, fazendo *tabula rasa* entre as mais distintas posições⁶ –, o que ocorre em seguida é o empobrecimento do instrumental analítico lukacsiano, o que fez com que vários pensadores – alguns, inclusive, situados no campo do marxismo – buscassem afastar-se do seu pensamento. Nesse contexto, Coutinho propõe uma retomada do método inicial de análise lukacsiano, o único que pode fornecer uma interpretação efetivamente dialética do fenômeno literário – e que, curiosamente, já encontrava respaldo em texto do poeta e crítico português Adolfo Casais Monteiro (1963, p. 44-45), quando afirma: “*Pela primeira vez em toda a história do marxismo, Lukács aborda a literatura como literatura.*”



Abandonando o seu método inicial (histórico-sistemático, ou genético-estético) e entregando-se à saída simplista de identificar obra e concepção de mundo do escritor – e não no *hic et nunc* das determinações histórico-sociais subjacentes (COUTINHO 2005, p. 40) –, Lukács inviabiliza a utilização do seu próprio método de abordagem, ou seja, afasta-se da análise dialética da concepção de mundo imanente às obras de arte (o que permitiu, como bem lembra Coutinho, a aplicação do conceito de “vitória do realismo”). Portanto, a proposta do pensador brasileiro para reavaliar as obras de Proust e Kafka, é a retomada do método do próprio filósofo húngaro, que comparece em todos os seus grandes trabalhos, o

[...] conceito básico da poética lukasciana, ou seja, o de que a arte é representação mimética da realidade histórico-social objetiva e não expressão direta da visão do mundo do artista. Em consequência, desaparece a possibilidade do cotejo entre a objetivação estética e o mundo histórico-social que lhe serve de pressuposto, cotejo que está na base do mencionado conceito de “vitória do realismo” (COUTINHO, 2005, p. 41).

A insistência por parte de Lukács, de adoção desse “novo método” de análise, é a principal responsável para uma compreensão inadequada da literatura contemporânea. Essa posição é, de certa forma, assumida pelo próprio Lukács (1970), em um dos seus últimos textos, aquele sobre os primeiros romances do escritor russo Alexander Soljenítsin (1918-2008), o que impossibilita ao pensador húngaro uma maior compreensão do novo que emerge na realidade social, com a presença de inflexões visíveis no campo artístico; particularmente, no literário.

O emprego deste “novo” método – ou se preferirmos, o temporário abandono do autêntico método histórico-sistemático por ele mesmo elaborado – não permitiu que Lukács aplicasse adequadamente à literatura contemporânea uma de suas mais brilhantes teses, ou seja, a de que “a obra de arte autêntica (e somente essa pode se tornar a base de uma fecunda universalização histórica ou estética) *satisfaz as leis estéticas apenas na medida em que, ao mesmo tempo, as amplia e aprofunda*” (COUTINHO, 2005, p. 42).

E esse equívoco analítico o impede de alcançar a compreensão do movimento literário do século XX, que até então era entendido



por Lukács como uma continuação mais ou menos linear daquela tradição estabelecida ao longo do século XIX. O único avanço processado até os anos 1960 é o da aceitação da utilização das técnicas vanguardistas com finalidades realistas – o que, como discutido, ocorre com alguns autores do século XX, a exemplo de Jorge Semprun. O que significou um grande avanço, possibilitando a compreensão de uma série de importantes autores, até então deixados de lado pelo pensador húngaro.

Graças a essa nova formulação, Lukács pôde não apenas avaliar melhor as produções da maturidade de Thomas Mann, mas também apresentar depois de 1957, [...] uma atitude bem mais aberta diante da produção de autores mais recentes, como Jorge Semprun, Heinrich Böll, William Styron, Rolf Hochhutt, etc. Além disso, em algumas páginas acrescentadas em 1963 à edição em inglês de *Realismo crítico hoje*, Lukács apresenta também como autores realistas não só os norte-americanos Thomas Wolfe e Eugene O'Neill, mas também Elsa Morante e Bertolt Brecht (COUTINHO, 2005, p. 43).

Contudo, permanecia a inadequação de sua concepção geral, impossibilitando uma compreensão mais profunda da precisa natureza do movimento literário que se alastrava. Entretanto, naquele texto mencionado sobre Soljenítsin, Lukács (1970, p. 35-46) chega a dar o esboço de uma nova teoria da literatura do século XX, visando sanar as falhas de sua visão anterior e lançar novas nuances para a compreensão do movimento literário próprio do seu século. Nas palavras de Coutinho:

Mas esta ideia de que técnicas de vanguarda podem servir ao realismo era insuficiente, precisamente na medida em que não passava de uma solução de compromisso. Um esboço de resposta orgânica viria à luz somente em 1969, no belo ensaio que Lukács, dois anos antes da sua morte, dedicou aos primeiros romances de Alexander Soljenítsin, *O primeiro círculo* e *O pavilhão dos cancerosos* (COUTINHO, 2005, p. 44).

Esse texto marca o retorno de Lukács ao método original, significando um real avanço em direção à compreensão da literatura do século XX. Lukács chega a propor a superação da visão hegeliana do romance como a figuração de uma “totalidade de objetos”; para Lukács, o novo contexto social colocava determinações de tipo substantivamente novo, o que, no plano



literário, demanda a alteração da própria natureza da captação artística (mimética) da realidade social. Surge, assim, uma nova forma romanesca, centrada na figuração de uma “totalidade de reações.”

Esse ensaio de 1969 assinala, antes de mais nada, um retorno ao método histórico-sistemático que, como vimos, está na base da poética do realismo elaborada pelo Lukács da maturidade. Em vez de ver na narrativa realista de nosso tempo uma simples continuação formal das velhas tradições do século XIX (ainda que “atualizadas” pelo emprego de técnicas de vanguarda), Lukács indica o modo pelo qual os novos pressupostos sociais e ideológicos do capitalismo tardio conduziram a uma modificação formal da estrutura romanesca, cujo centro não seria, como no romance tradicional, a figuração de uma “totalidade de objetos” – segundo a formulação hegeliana recolhida por Lukács –, mas a de uma “totalidade de reações” (COUTINHO, 2005, p. 44-45).

Essa nova modalidade formal permitiu aos escritores uma concentração dramática das personagens num espaço reduzido, o que lhes possibilitou o desencadeamento de uma série de reações não convencionais, permitindo-lhes lançar novas luzes sobre a problemática ideológica da sociedade contemporânea. O aparente abandono de uma estrutura formal homogênea, organicamente concebida, é compensado com uma elevação das emoções em jogo, que tem por resultado uma intensificação das dimensões épica e dramática.

Lukács observa que “a inovação reside no fato de que a unidade de lugar torna-se o fundamento imediato da composição”, graças à criação de uma espécie de “teatro social” que agrupa homens diversos e os obriga a definições que eles não tomariam normalmente em sua vida cotidiana. E o filósofo húngaro continua: “Esse ‘teatro’ aparece, portanto, como o desencadeador efetivo e imediato de problemas ideológicos existentes por toda parte em estado latente, mas dos quais só se toma consciência, em sua totalidade contraditória, precisamente neste lugar. [...] Desapareceu a necessidade de uma fábula épica homogênea. [...] Porém, malgrado a ausência de fábula homogênea, e mesmo em consequência dessa ausência, reina uma excepcional intensidade de emoção épica, uma dramática interna. [...] Relações épicas coerentes podem nascer de cenas particulares de natureza dramática, mas desprovidas aparentemente de laços

internos entre si. E essas relações podem igualmente se ordenar numa *totalidade de reações* a um vasto complexo de problemas de natureza épica (COUTINHO, 2005, p. 45).

Considerações Finais

Debruçando-se sobre breves observações, Coutinho destaca a riqueza intrínseca de Lukács e se lamenta por sua morte somente dois anos após haver escrito essas linhas – e, adicionalmente, destaca que o referido autor se manteve bastante comprometido com o seu projeto da redação de uma ontologia e de uma ética materialistas, o que tomou todo o seu esforço e tempo até o fim dos seus dias. Nas palavras de Coutinho (2005, p. 45): “Lukács não viveu o suficiente para extrair todas as consequências desta sua nova formulação, o que teria implicado certamente a reavaliação de boa parte de seus juízos sobre a literatura do século XX.” Parece-nos uma hipótese bastante plausível.

O texto lukacsiano sobre Soljenítsin, se não conseguiu levar adiante as ricas indicações nele contidas, ao menos possui o mérito de fornecer valiosos caminhos, que ainda careciam de desenvolvimento mais acurado. Abrem-se, portanto, novas possibilidades de análise – e também de reexame – da obra lukacsiana, de cunho estético-literário, permitindo-nos a aplicação de suas categorias para a compreensão das mais distintas e variadas escolas literárias, do século XX aos nossos dias. Coutinho foi pioneiro ao identificar esse rico campo de estudos que permanece pouco explorado.

Referências

CHACON, V. A descoberta de Lukács no Brasil. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, v. 40, n. 168, p. 416-422, out./dez. 1992.

COUTINHO, C. N. *Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. KONDER, L. Correspondência com Lukács. In: PINASSI, M. O. LESSA, S. *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo, Boitempo, 2002. p. 133-155.

KONDER, L. Carlos Nelson Coutinho (Nascido em 1943). In: _____. *Intelectuais brasileiros & marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de

Livros, 1991. p. 117-124.

LUKÁCS, G. *Solzhenitsyn*. London: Merlin Press, 1970.

_____. Lukács on his life and work. *New Left Review*, 1/68, jul./ago. Londres, 1971.

_____. *Realismo crítico hoje*. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 1991.

_____. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTEIRO, A. C. A crítica sociológica da literatura. *Revista Brasiliense*, São Paulo, Brasiliense, n. 45, p. 38-51, 1963.

NETTO, J. P. Breve nota sobre um marxismo convicto e confesso. In: BRAZ, M. (org.) *Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Notas

1 Ainda que as ideias de Lukács tenham começado a circular no país anteriormente, como destaca Chacon (1992), isso não diminui em nada o pioneirismo de Coutinho no processo. Nas palavras de Leandro Konder (1991, p. 118): “Contudo, não creio que possa haver dúvida quanto ao pioneirismo de Carlos Nelson Coutinho na assimilação do método de Lukács. Carlos Nelson foi, de fato, o primeiro lukacsiano brasileiro. Quer dizer: foi o primeiro a se servir do instrumental conceitual lukacsiano em seu conjunto, extraíndo proveito da coerência interna da filosofia do pensador húngaro, de sua maneira de abordar as relações da literatura com a sociedade.” [\[VOLTAR\]](#)

2 José Paulo Netto (2012, p. 81), em recente texto dedicado à análise do pensamento de Coutinho, divide a obra do pensador baiano em três níveis: o primeiro consiste numa abordagem publicística de determinado pensador, um segundo em que se dedica à crítica filosófica e literária e um terceiro, donde se destaca uma reflexão original sobre o Brasil. Essa concepção, que ganharia formulação mais profunda ao longo de sua atividade intelectual, culminaria, portanto, em “[...] sua interpretação do Brasil – que, a meu juízo, constitui mesmo uma teoria do Brasil contemporâneo.” O presente artigo ocupa-se da crítica literária.

[\[VOLTAR\]](#)

3 No entanto, ressalta Coutinho: “Ainda que dominante, esta leitura ‘vanguardista’ de Proust está longe de ser unânime. Thomas Mann, por exemplo – que jamais se limitou, em suas análises literárias, a uma abordagem puramente estilística dos autores e das obras –, incluiu Proust entre os romancistas do século XIX, colocando-o expressamente ao lado de Balzac, Stendhal, Flaubert, Tolstoi e Dostoiévski” (COUTINHO, 2005, p. 20).

[VOLTAR]

4 O que Coutinho registra da seguinte forma: “Contrapondo Thomas Mann a Kafka como a alternativa típica no seio da literatura ‘burguesa’ do século XX, Lukács afirmava nesta obra que, enquanto Mann construía ‘um realismo crítico verdadeiro como a vida’, Kafka seria nada mais do que a expressão de ‘uma decadência artisticamente interessante’” (COUTINHO, 2005, p. 24).

[VOLTAR]

5 “Por outro lado, não deverá ter escapado ao leitor de Realismo crítico hoje a dificuldade em que se encontrava Lukács para apontar exemplos contemporâneos de um grande realismo crítico nos moldes em que ele o concebia na época. Thomas Mann, morto em 1955, aparece como um gigante isolado (incidentalmente são citados como realistas Federico García Lorca, Sinclair Lewis, Alberto Moravia e pouquíssimos outros), enquanto na outra margem ‘vanguardista’ do rio se situava, junto com Kafka, a grande maioria dos escritores realmente significativos do século XX” (COUTINHO, 2005, p. 37). [VOLTAR]

6 “Num processo abstrativo pouco dialético, já que não se apresenta como etapa inicial de uma elevação ao concreto, Lukács subsume sob essa concepção do mundo a totalidade dos autores de vanguarda, em particular Proust e Kafka, afirmando que suas obras não passariam de ilustrações alegóricas do ‘nada’” (COUTINHO, 2005, p. 40). [VOLTAR]



Este número da Revista Praia Vermelha foi diagramado em setembro de 2021 pelo Setor de Publicações e Coleta de Dados da Escola de Serviço Social da UFRJ, para difusão online via Portal de Revistas da UFRJ. Foi utilizada a fonte Montserrat (Medium 13/17,6pt) em página de 1366x768pt (1:1,77).